

Comentário de Conjuntura

A despeito da atividade econômica global, resiliente em junho, os dados de inflação mostraram certo arrefecimento. No que tange à condução da política monetária, o Banco Central Europeu – ECB iniciou o ciclo de cortes de juros, enquanto o Federal Reserve – Fed discutiu abertamente a possibilidade de flexibilização monetária ainda em 2024. À luz do possível início de um prolongado ciclo de afrouxamento monetário por parte dos bancos centrais das principais economias, os mercados acionários registraram ganhos no fechamento do semestre. Os índices S&P 500, Nasdaq e Eurostoxx avançaram 14,5%, 18,1% e 8,3%, respectivamente.

Na reunião de junho do FOMC, a mediana das projeções dos participantes do comitê (*dot plots*) indicava um corte na taxa dos *fed funds* em 2024, diante dos indicadores econômicos observados no início do ano. No entanto, os dados econômicos no mês trouxeram surpresa positiva para a inflação, em especial os preços de serviços, em evidente desaceleração, enquanto o mercado de trabalho, apesar do alto número de postos criados, registrou aumento na taxa de desocupação, para 4%.

Na Zona do Euro, o ECB iniciou o ciclo de flexibilização da taxa de juros, com o primeiro corte de 25 pontos base. Contudo, a autoridade monetária manteve o discurso cauteloso, alegando que as projeções de inflação se mantêm altas e que a continuidade do ciclo de cortes dependerá de dados prospectivos. A inflação divulgada no mês, especialmente o núcleo, impulsionado por serviços, continuou pressionado e sem arrefecimento aparente, mesmo com o PMI indicando desaceleração na atividade econômica.

No Brasil, foi divulgado o PIB do primeiro trimestre, com avanço de 0,8% em relação ao trimestre anterior, impulsionado pelo desempenho do setor de serviços e da agropecuária. O mercado de trabalho permanece aquecido, evidenciado pela taxa de desocupação em 7,1%. A autoridade monetária tem enfatizado que a atual taxa de juros é suficiente para garantir a convergência da inflação à meta ao longo do tempo. O IPCA, em maio, variou 0,46%, acima das expectativas do mercado, atingindo 3,93% no acumulado de doze meses. No âmbito fiscal, as despesas seguem crescendo acima do esperado, o que concorreu para a desvalorização relevante do real frente ao dólar no mês.

Recursos Garantidores
R\$ 260,8 milhões

Histórico de Rentabilidade (%)

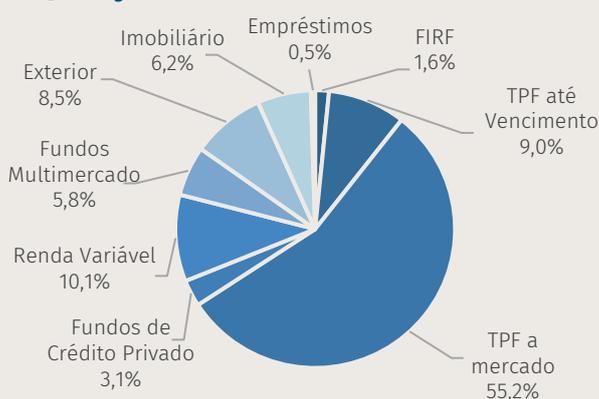
	2023			2024					12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	Abr	Mai	Jun	Ano				
PCD - Rent. líq.	8,18	5,31	13,92	0,65	-1,13	0,66	-0,04	0,13	5,44	17,98	17,77	35,87
Índice de Referência ^{2/}	4,78	3,52	8,49	2,33	0,68	0,76	0,52	4,37	8,08	15,62	34,34	61,95
IPCA	2,87	1,70	4,62	1,42	0,38	0,46	0,21	2,48	4,23	7,52	20,30	33,12
CDI	6,50	6,14	13,04	2,62	0,89	0,83	0,79	5,22	11,68	26,82	37,79	47,43

1/ IPCA + 4,0% a.a. até 2016, IPCA + 4,5% a.a. entre 2017 e 2020, IPCA + 4,0% a.a. em 2021 e IPCA + 3,7% a.a. a partir de 2022.

Composição da Carteira



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

Em junho, a carteira de investimentos do plano registrou retorno negativo de 0,04%, desempenho decorrente, sobretudo, do resultado da carteira de Renda Fixa, que continua sob influência da abertura na curva de juros doméstica, a despeito dos elevados prêmios dos títulos mantidos em carteira. O Imobiliário, embora com reduzida participação na carteira, também contribuiu para o resultado, dada a forte desvalorização no mês. O segmento Exterior, mais uma vez, refletiu a apreciação do dólar frente ao real e a performance favorável dos mercados externos, atuando positivamente como fator de mitigação de riscos.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Junho/24
Renda Fixa	-0,51
Renda Variável	1,26
Estruturado	0,10
Exterior	6,17
Imobiliário	-4,29
Op. Participantes	0,82